



A DIMENSÃO ESTÉTICA DO DESENHO LIVRE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

**The aesthetic dimension of free design and its implications in the formation
process of higher psychological functions**

Alisson da Silva **SOUZA**
Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba
Departamento de Educação
Feira de Santana, Brasil
pot_ppb@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6239-1367> 

Mirela Figueiredo Santos **IRIART**
Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba
Departamento de Educação
Feira de Santana, Brasil
mfsiriart@uefs.br
<https://orcid.org/0000-0001-5673-6787> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

A partir da abordagem Histórico-Cultural em Psicologia, o presente texto apresenta parte dos resultados de uma intervenção que buscou compreender as formas de expressão do desenho livre na Educação Infantil, as suas implicações no processo de formação das funções psicológicas superiores e as mediações docentes em grupos. Com base no aporte de pesquisa do método cartográfico foi realizada uma pesquisa-intervenção, a partir da aplicação de oficina de desenho livre numa turma da pré-escola com crianças de 5 anos. Durante a realização da oficina observou-se que a prática do desenho livre é uma atividade que precisa ser ampliada na infância, pois permite à criança a emergência e a elaboração de sentidos estéticos, verificou-se também que em torno dessa prática existem significados reducionistas inadequados que precisam ser discutidos a nível de formação docente e cultura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia histórico-cultural. Educação estética. Desenho livre. Educação Infantil.

ABSTRACT

From the Historical-Cultural approach in Psychology, this text presents part of the results of an intervention that sought to understand the forms of expression of free drawing in Early Childhood Education, its implications in the process of formation of higher psychological functions and the teaching mediations in groups. Based on the research contribution of the cartographic method, intervention research was carried out, from the application of a free drawing workshop in a preschool class with 5-year-old children. During the workshop, it was observed that the practice of free drawing is an activity that needs to be expanded in childhood, as it allows the child to emerge and develop aesthetic meanings, it was also verified that around this practice there are inadequate reductionist meanings that need to be discussed at the level of teacher training and children's culture.

KEYWORDS: Historical-cultural psychology. Aesthetic education. Free draw. Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada no âmbito de um programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e teve como objetivos compreender as formas de expressão do desenho livre na Educação Infantil, as suas implicações no processo de formação das funções psicológicas superiores e as mediações docentes com crianças na pré-escola. O referencial teórico utilizado fundamenta-se na Psicologia Histórico-Cultural, em especial nos pressupostos de Lev Semenovitch Vigotski (2010, 2014).

De acordo com Junior (2013), na Rússia, atualmente, o termo Histórico-Cultural, é utilizado pela principal revista de Psicologia que segue as orientações de Vigotski. “Teoria histórico cultural”, “refere-se, ainda a um determinado período de trabalho criador de Vigotski (1928 a 1931), mas é assumido como metonímia da parte pelo todo” (JUNIOR, 2013, p.9-10 grifos do autor).

No âmbito da educação, a teoria histórica de Vigotski (2007) permite ainda a possibilidade de vincular o desenvolvimento cognitivo ao desenvolvimento geral e compreender qual o papel das funções psicológicas superiores, tais como a criatividade e a imaginação durante o desenvolvimento e na educação infantil.

Partimos da premissa de que por meio do desenho, a criança projeta seus sentimentos, experiências afetivas e sua representação do mundo exterior e do mundo interior. Vigotski (2014), define a criatividade como atividade humana criadora de algo novo. Para o autor o cérebro humano, dotado de imensa plasticidade e complexas conexões neuronais permite a combinação, criação e reelaboração de novos princípios e abordagens a partir do acesso às lembranças passadas, permitindo assim, a produção de novos sentidos e significados para a experiência humana.

Na base da teoria vigotskiana, a imaginação é o fundamento de toda atividade criadora. De acordo com Vigotski (2014), a imaginação surge do jogo simbólico desenvolvido pela criança, principalmente por meio das brincadeiras, que por sua vez, permitem a transformação e a combinação criadora das impressões vividas, a sua combinação e a organização em um elemento objetificado na realidade.

A atividade criadora da imaginação está relacionada diretamente com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, uma vez que essa experiência é a matéria-prima a partir da qual se elaboram as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência humana, mais abundante será o material disponível para a imaginação (VIGOTSKI, 2014, p.12).

Oliveira e Lima (2017), destacam que, no âmbito educacional, é imprescindível que creches e pré-escolas disponibilizem meios que ampliem a experiência das crianças. Para os autores, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição “na sua experiência, mais importante e produtiva será sua imaginação e, por conseguinte, mais fecundo ocorrerá o desenvolvimento da criatividade.” (OLIVEIRA; LIMA, 2017, p. 1402).

Para Vigotski, 2014:

A conclusão pedagógica que podemos tirar daqui é a necessidade de ampliar a experiência da criança se quisermos proporcionar-lhes bases suficientemente sólidas para sua atividade criativa. Quanto mais a criança ver, ouvir, e experimentar, quanto mais aprender e assimilar, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência, mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa (VIGOTSKI, 2014, p. 12-13).

Neste texto, que é parte integrante de uma pesquisa a nível de pós-graduação em Educação, apresentamos os registros de observação produzidos mediante a realização de desenhos livres durante uma oficina de criatividade com crianças de uma turma de Educação Infantil. Nossas análises concentraram-se nas impressões que as crianças têm do mundo e sua forma de significá-lo. Nessa perspectiva, compreendemos que o desenho permite uma livre expressão do campo perceptivo, e este possibilita o acesso a elementos presentes em experiências passadas e presentes e ainda materializam conteúdos mentais que a criança acessa por meio da memória. Por isso, destacamos neste artigo a relevância do ato de desenhar e sua função artística, estética e desenvolvimental durante a infância. Salientamos também que, quando realizado sob uma supervisão qualificada, é possível notar a riqueza de recursos que a criança faz uso para conectar-se com seu mundo interno articulando a essa prática, os elementos incorporados da cultura.

Portanto, este artigo, parte da premissa de que o desenho funciona como um dos caminhos que a criança utiliza para expressar suas emoções, percepções, vontades, angústias e sentimentos. Logo, existe uma relação muito próxima entre o desenho infantil e a formação dos sentidos estéticos. Isso nos sugere que a ampliação da prática do desenho livre desenvolve na criança repertórios de comportamentos cada vez mais sofisticados, que vão desde os rabiscos até um domínio mais amplo do uso dos signos, podendo-se também observar a utilização de outros recursos como: a dramatização, a música e a representação gestual para exprimir o que sentem e o que querem registrar no papel.

EDUCAÇÃO ESTÉTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Em sua teoria sobre a educação estética, Vigotski (2010), teceu críticas contundentes à pedagogia tradicional e sua forma de compreensão das emoções estéticas. A primeira delas, refere-se à concepção, segundo a qual, as emoções estéticas têm alguma relação com o comportamento moral, “sob essa concepção a obra de arte perde qualquer valor autônomo, torna-se uma espécie de ilustração para uma tese moral de cunho geral.” (VIGOTSKI, 2010, p. 328).

Outro equívoco discutido pelo autor, foi o de impor à estética problemas e objetivos que lhe eram estranhos. O autor salienta que o estudo de elementos sociais contidos nas obras da literatura como meio de ampliação de conhecimentos são objetos estranhos e externos à educação estética. O autor pontua que essa estratégia incorre em riscos, pois induz a uma falsa concepção de realidade, bem como pode excluir inteiramente os momentos puramente estéticos no ensino. Por fim, discute o terceiro equívoco, o qual reduz a estética ao sentimento do agradável, a arte como objetivo em si, capaz de provocar prazer e alegria. Para Vigotski (2010), esses impasses, por meio dos quais se baseou a pedagogia tradicional, são alheios aos reais objetivos da educação estética.

A partir dos argumentos discutidos acima fica evidente que a teoria histórico-cultural rejeita a compreensão de educação estética como um meio para realização de instrução de conhecimentos ou de aprendizagens específicas. De acordo com Barbosa e Soares (2018), os objetivos da educação estética estão voltados para a relação, a apropriação e a vivência dos sujeitos com as conquistas históricas e culturais da humanidade.

A educação estética se pauta no objetivo de elevar cotidianamente as vivências estéticas na infância, em suas dimensões significativas e criativas, de modo a aproximá-las das experiências estéticas que diversos grupos sociais e culturais foram capazes de produzir historicamente. (BARBOSA e SOARES, 2018, p. 151).

Soares (2015), buscou compreender e discutir os fundamentos da educação estética presente nos textos publicados na Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), a autora salienta que a educação estética inclui compreender a relação sujeito e obra de arte e seus desdobramentos no campo educacional.

Ser educado esteticamente é condição fundamental para compreender a obra de arte e sua relação com a sociedade. É a educação dos sentidos que pode nos levar

a recuperar ou preservar nossa capacidade criativa e crítica, ou seja, equilibrar o pensamento e a emoção no processo de aprendizagem. Neste processo de desenvolvimento da educação estética o professor é participante ativo, pois através do seu ato educativo a sensibilidade pode ser desenvolvida. (SOARES, 2015, p. 44).

Prestes, Tunes, Pederiva e Terci (2018), com base na psicologia histórico-cultural realizaram uma pesquisa com o objetivo de estudar a emergência da reação estética na criança. O método de pesquisa consistiu na realização de sessões de audição musical dialogada com crianças na faixa etária dos sete aos doze anos de idade. Foram observadas reações como gestos, expressões e comentários durante a audição. A análise dos resultados demonstrou que as sessões de audição musical dialogada revelaram-se como atividades adequadas para o estudo da emergência da reação estético-musical na criança a partir de sete anos de idade. Para cada uma das sessões, foi apresentado às crianças um trecho de uma música que induzisse uma emoção de alegria, medo, raiva, calma e tristeza. O trabalho de Prestes, Tunes, Pederiva e Terci (2018), sinaliza para a importância de compreender que a educação estética ocorre em múltiplas dimensões da cultura e que a emergência dessa reação estética também acontece por meio da música.

Partindo da perspectiva que o alargamento das vivências estéticas acontece por meio de diferentes manifestações culturais, como a música, o desenho, a literatura, o teatro, a pintura, dentre outras, a Resolução nº 5/2009 (BRASIL, 2009), institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil, e em especial nos artigos: 6º, 7º, 8º 9º e 10º, que tratam sobre os elementos que compõem a educação estética ou artística da criança.

Alguns artigos fazem referência direta à dimensão estética, o artigo 6º, por exemplo, propõe que as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os princípios estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009a). Com base no artigo 8º, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir dentre outros direitos: a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança (BRASIL, 2009a). E o artigo 9º, salienta que na educação infantil os eixos norteadores são as interações e brincadeiras, por isso, as práticas pedagógicas devem possibilitar: vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de

referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade (BRASIL, 2009a).

O parecer CNE/CEB nº 20/2009 (BRASIL, 2009), reitera a importância do projeto pedagógico e também se debruça sobre os princípios estéticos. De acordo com o documento, o trabalho pedagógico nas creches e pré-escolas devem garantir a participação em/com experiências diversificadas e estar voltado para uma sensibilidade que valoriza o ato criador e a construção realizada pelas crianças. Nessa perspectiva, a consideração dos princípios estéticos inclui: a “valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.” (BRASIL, 2009b, p.8).

De acordo com Oliveira e Paraíso (2012), o reconhecimento e o cumprimento desses princípios elencados nas diretrizes curriculares exigem o investimento em espaços, rotinas e vivências que ampliem a sensibilidade das crianças, por isso, as creches e pré-escolas devem assegurar posturas pedagógicas que valorizem e diversifiquem a criatividade artística das crianças.

Quando se fala de educação estética no sistema da educação geral deve-se sempre ter em vista essa incorporação da criança à experiência estética da sociedade humana: incorporá-la inteiramente à arte monumental e através dela incluir o psiquismo da criança naquele trabalho geral e universal que a sociedade humana desenvolveu ao longo dos milênios, sublimando na arte o seu psiquismo. (VIGOTSKI, 2010, p. 351).

Ao pensar o sentido estético numa perspectiva histórico-cultural, Pino (2006), pressupõe que trata-se de um sentido que é constituído no indivíduo, muito embora já esteja prenunciado em sua biogenética humana, o autor refuta a ideia que o sentido estético mantenha relação com qualquer mecanismo inato ou informações hereditárias e defende que assim como tudo que “é especificamente humano, tem que ser objeto de formação, daí a sua relação com a educação.” (PINO, 2006, p.60).

O termo “sentido” abre, permite abrir, três níveis de análise da questão estética. Um é orgânico, o qual se desdobra em outros dois: o da sensorialidade ligada aos sentidos ou órgãos receptores dos sinais procedentes do mundo exterior, e o de participação passivo do verbo “sentir”, que se refere à impressão produzida pela percepção dos objetos do mundo exterior ou dos acontecimentos da vida; é daí que decorre o termo “sentimento”. Outro é direcional, ou seja, de indicação da direção que se quer seguir. Por fim, outro é semiótico. Não se trata de um efeito de linguagem ou de jogo de palavras. Trata-se, isso sim, de três indicadores de análise que, neste caso, se complementam, permitindo explicar o que se deseja explicar (PINO, 2006, p. 66, grifos do autor).

Com base nessas premissas compreendemos que a emergência dos sentidos estéticos na criança, passa, necessariamente, pelo estatuto do corpo e das experiências

cognitivas, sensoriais e sinestésicas. Nesta pesquisa consideramos a prática do desenho livre umas das manifestações artísticas que permite a fruição de sentidos estéticos na Educação Infantil, pois “ele ensina a criança a dominar o sistema das suas vivências, a vencê-las e superá-las e, segundo uma bela expressão, ensina ascensão ao psiquismo.” (VIGOTSKI, 2010, p. 346).

MÉTODO

Em todo processo de pesquisa em que se busca compreender ou explicar um fenômeno, é necessária a utilização de uma linguagem e de procedimentos científicos pertinentes, logo a escolha de uma determinada metodologia de pesquisa depende fundamentalmente do tema, do problema e dos seus objetivos.

Considerando que o objeto desta pesquisa foi a emergência de vivências estéticas a partir do desenho infantil, a abordagem qualitativa revelou-se adequada, pois permitiu a produção conjunta de significados, por meio do uso da intuição e da imaginação na interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Neste artigo discutimos a importância do desenho e procuramos compreender suas implicações no processo de desenvolvimento da imaginação e da criatividade no que tange à construção de sentidos estéticos em uma escola de Educação Infantil. Utilizamos a cartografia, método de pesquisa-intervenção, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), que pressupõe a implicação do pesquisador no território pesquisado. No artigo “Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação”, Oliveira e Paraíso (2012), salientam que o método cartográfico requer a habitação do território pesquisado e a implicação do pesquisador no trabalho de campo.

A cartografia faz recortes em determinado espaço ou em determinado tempo, povoa de muitos modos com sujeitos e objetos e a eles confere um ritmo. As coisas ganham tons, intensidades, luzes, cores, temperatura, volume. A cartografia torna-se a própria expressão do percurso: mapas, danças, desenhos. Percurso que nunca é dado, seja por sucessões estáticas, por fases pré-fixadas ou por palavras de ordem. Um exercício de dispor o trabalho de pesquisa como uma operação de invenção da vida, de virtualização da existência, de potenciação do estar no mundo da educação, transfiguração das coisas, das palavras, dos territórios educacionais. (OLIVEIRA e PARAÍSO, 2012, p. 1660).

De acordo com Katrup (2007), a cartografia como método de pesquisa implica a intervenção do pesquisador nos territórios pesquisados. Para a autora, o cartógrafo, durante seu trabalho de campo, faz uso de diversas modalidades sensoriais, para além

da audição e da visão com o objetivo de conhecer e descrever os fenômenos que habitam no seu objeto.

De acordo com Valladares (2007), a observação participante é uma premissa do método da cartografia, por isso, julgamos necessário um período de observação atenta dos fenômenos que ocorrem no cotidiano da pré-escola. Após um período de visitas, convivência com as crianças e observação do espaço da instituição de Educação Infantil, achamos pertinente, como parte da investigação, a realização de algumas oficinas com o intuito de sensibilizar as crianças e as professoras participantes sobre o tema da pesquisa. Essas oficinas foram pensadas a partir da experiência de observação na pré-escola, da construção do diário de campo do pesquisador e também, com base nas demandas que surgiram a partir dos diálogos com as professoras. De acordo com Kastrup (2008), a oficina oferece um território propício à criação e permite aos participantes um aprendizado e uma certa compreensão do processo de criação.

Em uma pesquisa-intervenção com o objetivo de compreender as narrativas juvenis sobre igualdade e diferença, Arcoverde, Libardi e Menezes. (2014), fizeram uso do formato de oficina como método de pesquisa. As autoras defendem que durante a realização das oficinas, as ações do pesquisador estão articuladas a um campo de mudanças que ele almeja ativar nos sujeitos participantes.

Em nossa pesquisa, adotamos essa técnica, pois vislumbramos por meio dela, provocar uma situação vivencial sobre o tema do desenho infantil, uma vez que acreditamos que é por meio da experiência que emerge a produção de sentidos estéticos. Vale ressaltar também que, em todos os passos desta investigação, foram observadas as diretrizes e normas da Resolução nº 510/2016 (BRASIL, 2016), que regulamentam a pesquisa na área das Ciências Humanas e Sociais.

De acordo com o Ministério da Saúde, a partir da Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016,

Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana (BRASIL, 2016, p. 1).

Observando todos esses cuidados esta pesquisa se efetivou a partir da construção de dados por meio da pesquisa cartográfica no cotidiano de uma pré-escola da rede pública municipal. Neste artigo, apresentamos os resultados de uma oficina de criatividade de desenho livre realizada com um grupo de crianças de 5 anos matriculadas

no anexo da Escola Municipalizada Madre Maria Gorette Nery. No anexo funcionava uma pré-escola, única do município de Santo Antônio de Jesus, isso justifica a escolha da instituição para realização da pesquisa. A professora participante da oficina é profissional de carreira e possui formação a nível de licenciatura em pedagogia.

PROCEDIMENTOS

A oficina de criatividade foi realizada com crianças de uma turma de Educação Infantil de uma pré-escola da rede pública municipal. Por orientação da coordenadora pedagógica optou-se por desenvolvê-la em um sábado letivo. Participaram do encontro, 8 crianças, sendo 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Vale salientar que a turma supracitada era composta por 14 crianças, no entanto, no dia da realização da oficina, apenas 8 compareceram.

Antes da realização da oficina, a direção da instituição, os responsáveis das crianças, bem como a professora foram comunicados do objetivo pretendido pelo trabalho e houve concordância prévia de ambos em participar.

A professora da turma é servidora efetiva da rede municipal de ensino, possui licenciatura em pedagogia com habilitação para séries iniciais e possui 34 anos de experiência como regente de classe. A mesma solicitou que fosse identificada como professora Esperança, quanto as crianças os nomes também foram atribuídos pela professora no momento de organização do material.

Após a acolhida das crianças e realização da rotina, feitas pela professora, o pesquisador fez o acolhimento das crianças, e introduziu as orientações sobre a realização do desenho. Foi apresentada uma folha de papel sulfite A4 em branco e o pesquisador afirmou "esse espaço é todo seu!", em seguida com o apoio da professora distribuiu-se o papel às crianças e lhes foi solicitado que desenhassem livremente. Para o desenvolvimento dos desenhos foram disponibilizados materiais diversos como: papel sulfite A4, cartolina, lápis, lápis de cor, canetinhas coloridas, massa de modelar, giz de cera e tintas guache de cores diversas e as crianças ficaram livres para escolher os materiais de acordo com suas preferências.

No início da atividade algumas crianças questionaram sobre o que deveriam desenhar e o pesquisador respondeu, reforçando a orientação, de que desenhassem livremente. Durante o desenvolvimento da atividade, o pesquisador e a professora regente da turma fizeram alguns registros (anotações), que são discutidos na seção de análise dos dados da pesquisa. Em torno de 30 minutos, as crianças já haviam

terminado seus desenhos. A professora, por sua vez, sugeriu que construíssemos um painel, de modo que cada criança expusesse sua produção em um mural e o descrevesse para os demais colegas o que desenhou. Segundo a professora regente essa estratégia de expressão oral facilita a compreensão de possíveis relações existentes ou não entre o desenho e as experiências de vida de cada um.

O processo de construção de análise sobre as produções foi realizado com o auxílio da professora da classe, pois compreendemos que esta tem acesso a um repertório maior de informações a respeito da história de vida de cada criança que participou da oficina. Considerando que esta pesquisa parte da abordagem histórico-cultural em psicologia, buscamos compreender as vivências estéticas da criança perante a realização do desenho livre, por isso, não fizemos uma análise interpretativa dos traçados, nosso foco se concentrou no acompanhamento da vivência estética e nas mediações docente durante a produção dos desenhos. Importante salientar também sobre a relevância da verbalização feita pelas crianças durante e após a realização dos desenhos, o que implica a valorização não só do produto final em si, mas de todo o processo que envolveu a oficina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir é apresentado um quadro com a descrição dos desenhos feitos pelas crianças no momento de apresentação final de suas produções. Ressaltamos que utilizamos nomes fictícios para identificar os sujeitos participantes desta pesquisa.

Quadro 1 – Descrição dos desenhos infantis

NOME	IDADE	DESCRIÇÃO DO DESENHO FEITO PELA PRÓPRIA CRIANÇA
Daniel	5	Um homem andando com um pau e um cachorro atrás.
Clara	5	Uma menina no balanço.
Marcos	5	Dois carros de corrida um batendo no outro.
Suzana	5	Dois peixinhos dentro do aquário lá de casa.
Ruan	5	A chuva enchendo a poça de lá da frente da casa de meu avô.
Ellen	5	Minha mãe dando peito a meu irmãozinho.
Pedro	5	Um homem caindo da escada.
Ruth	5	Pica-pau correndo na pista.

Fonte: Souza (2018)

Os dados construídos nesta pesquisa por meio do desenho livre demonstram que a intervenção por meio da oficina se mostrou bastante eficiente para a pré-escola, tendo em vista que as crianças gostam de participar de atividades lúdicas que envolvem arte. Observou-se também que a variedade de recursos para a produção do desenho

despertou a motivação das crianças participantes e nenhuma delas demonstrou resistência em desenhar livremente, mesmo que isso envolvesse situações que pudessem refletir conflitos sociais e ou emocionais que estavam presentes em suas memórias durante o desenvolvimento da atividade.

No processo de elaboração do desenho também está presente a imaginação, pois a criança observa a realidade e registra desta aquilo que lhe é significativo, sendo os diversos recortes dessa realidade combinados imaginativamente e objetivados por meio do desenho (COUTINHO, NATIVIDADE e ZANELLA, 2008, p. 12).

Durante a realização dos desenhos, constatamos que as crianças fizeram uso de diversos mecanismos criativos e o expressavam tanto por meio do desenho, quanto quando falavam sobre o que estavam produzindo. Uma característica peculiar das criações infantis que observamos nesta pesquisa foi justamente a necessidade de utilizar como referência eventos passados, mas não em um tempo muito distante, para construir novos conceitos. Para Vigotski (2014), no início desse processo encontramos percepções internas e externas que são o fundamento da experiência :

O que a criança vê e ouve constitui desse modo os primeiros pontos de apoio para sua criatividade futura. A criança acumula material a partir do qual, posteriormente, irá construir as suas fantasias. Depois segue-se um processo complexo de elaboração desses materiais, cujas partes constituintes são as dissociações e associações das impressões adquiridas através da percepção. (VIGOTSKI, 2014, p.25-26).

Considerando o que assegura a teoria do Vigotski (2014), sobre a criatividade e a imaginação, na qual as impressões captadas da realidade são transformadas, aumentando ou reduzindo as suas dimensões naturais, o pesquisador e a professora regente fizeram esforços para registrar ao máximo os diálogos que as crianças estabeleceram com seus desenhos e com os demais colegas durante a realização dos desenhos.

A seguir apresentamos alguns diálogos que julgamos pertinentes para o entendimento dos resultados da pesquisa. Vale destacar que não foi possível registrar todos, pois as crianças falavam e interagem muito ao mesmo tempo.

Agora já sei o que eu vou fazer, vou desenhar aquele doido que passa lá na rua de noite com um saco e com um cachorro atrás dele, meu irmão disse que com aquele pau ele pega as crianças que ficam na rua. **(Daniel, 5 anos, 2017)**.

Nesse exemplo percebemos a fala antecedendo a criação, ou orientando a ação.

A criança desenha e fala ao mesmo tempo sobre o que está desenhando. A criança representa um personagem e compõe o texto para esse personagem. Esse sincretismo aponta para a raiz comum a partir da qual se separam todos os

gêneros da arte infantil. Essa raiz comum é representada pelo jogo infantil, que serve de etapa preparatória para a criatividade artística (VIGOTSKI, 2014, p. 82).

Segundo a professora, Daniel sempre conta essa história na classe no momento da novidade, a mesma pontua que esse é um personagem presente na narrativa da criança e, que, certamente faz parte da rotina do bairro no qual a criança mora, corroborando assim com aspectos da teoria da abordagem histórico-cultural, segundo a qual, as relações e experiências marcam as expressões e produções estéticas e artísticas, logo a compreensão do ser humano como um sujeito histórico bem como a compreensão da formação social de sua consciência é mediada pelos signos e instrumentos da cultura.

As produções de Clara, Ellen, Ruan e Suzana se concentraram nas experiências reais vividas por eles o que evidenciam também que eles trazem para os desenhos, situações do cotidiano que se entrelaçaram com fantasias.

De acordo com Vigotski (2014), para compreendermos profundamente o mecanismo psicológico da imaginação e da atividade criativa é necessário, primeiro, compreender a vinculação que existe entre a fantasia e a realidade no comportamento humano. Para descrever essa vinculação o autor propõe quatro formas de compreensão, a primeira delas assegura que qualquer ato imaginativo se constitui sempre de elementos presentes na realidade e extraídos da experiência pregressa, a segunda forma se realiza entre o produto final da fantasia e determinados produtos complexos da realidade, ou seja os indivíduos criam a partir de experiências passadas, novas combinações, a terceira forma de ligação propõe uma conjunção emocional que considera os elementos afetivos, pois as impressões e imagens que causam um efeito emocional comum tendem a agregar-se entre si e nossa fantasia constrói e influencia reciprocamente os nossos sentimentos, e por último, a quarta forma consiste em que a construção da fantasia pode representar algo inédito, que ao assumir uma forma nova, se cristaliza em objeto e influenciar outros objetos.

Durante a realização dos desenhos observamos que as crianças tentaram, primeiro, através da fala e depois por meio do desenho, reproduzir cenas das quais eles participaram de forma direta ou indireta. Podemos pensar também o ato de desenhar como uma construção conjunta na qual a criança se apropria de significados ao mesmo tempo em que produz o desenho:

Meu desenho vai ser minha mãe sentada lá na cadeira dando mama para meu irmãozinho, ah vou desenhar também ele balançando as pernas e depois dormindo. **(Ellen, 5 anos, 2017).**

De acordo com Vigotski (2007), quando a criança quer atingir um objetivo, a fala é tão importante quanto a ação, “as crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão.” VIGOTSKI, 2007, p. 126).

Os desenhos de Clara, Ruan e Suzana foram nesse mesmo sentido. Eles desenharam situações vivenciadas por eles mesmos. Clara desenhou uma menina brincando no balanço que depois, na hora da exposição, revelou que era ela mesma no balanço de sua casa. Ruan escolheu registrar um fenômeno da natureza que chamou sua atenção, a chuva. Suzana fez os peixinhos do aquário de sua casa que, segundo ela, são seus melhores amigos.

No momento de realização dos desenhos, as crianças solicitavam aos mediadores, exemplos ou modelos de como desenhariam determinados objetos para compor a cena, ao passo que o pesquisador reafirmava que não existia um padrão de desenho e que não seria possível acessar livros ou revistas como parâmetros.

Vigotski (2010), reprova a interferência dos adultos no desenho infantil. Para o autor, o ato de desenhar implica em construção de representações e que a criança apenas desenha o que considera fundamental: “Quando modificamos e corrigimos as linhas infantis talvez estejamos pondo uma ordem rigorosa na folha do papel a nossa frente, mas estamos desordenando e turvando o psiquismo infantil” (VIGOTSKI, 2010, p. 346).

Quando se fala de educação estética no sistema da educação geral deve-se sempre ter em vista essa incorporação da criança à experiência estética da sociedade humana: incorporá-la inteiramente à arte monumental e através dela incluir o psiquismo da criança naquele trabalho geral e universal que a sociedade humana desenvolveu ao longo dos milênios, sublimando na arte o seu psiquismo (VIGOTSKI, 2010, p. 351-352).

Nas produções de Marcos, Pedro e Ruth observamos que eles escolheram fazer desenhos que estabelecem relações diretas com suas atividades de lazer e elementos que fazem parte de suas fantasias. O valor dessas produções, segundo Vigotski (2014), reside no fato de permitirem a tentativa de compreensão da ligação existente entre o desenvolvimento da criação e a concretização da imaginação infantil que se fundem e criam uma nova realidade, um desenho inédito e carregado de emotividade:

Esse desenho que tou fazendo é o que passa na minha televisão, carros, sempre gosto de ver as corridas e ver um carro batendo um no outro. **(Marcos, 5 anos, 2017).**

Pedro optou por desenhar parte de uma cena que ele assistiu em um desenho animado, abaixo segue a descrição que ele fez da cena. “Aqui é um homem

correndo, ele era do mal, aí quando ele foi tentar matar o super herói ele caiu da escada e morreu.” (**Pedro 5 anos, 2017**).

Muito embora seja uma descrição simplista realizada pela criança, é importante notar que nela está presente a primeira e mais importante lei que se subordina a atividade imaginativa.

De acordo com Vigotski (2014), essa lei pode formular-se do seguinte modo:

A atividade criadora da imaginação está relacionada diretamente com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, uma vez que essa experiência é a matéria-prima a partir da qual se elaboram as construções da fantasia. Quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será o material disponível para imaginação. É essa a razão pela qual a imaginação da criança é mais pobre do que a do adulto, por ser menor a sua experiência. (VIGOTSKI, 2014, p.12).

O desenho de Ruth fez emergir um personagem muito presente no imaginário das crianças, o personagem do desenho animado Pica-Pau. Durante toda a elaboração do desenho, constatamos que a criança falava e gesticulava bastante, em alguns momentos a mesma parava de realizar o desenho para dramatizar cenas que lhe vinham à memória, por meio desse recurso Ruth conseguiu fazer um desenho bastante rico em detalhes. “A arte implica essa emoção dialética que reconstrói o comportamento e por isso ela sempre significa uma atividade sumamente complexa de luta interna que se conclui na catarse.” (VIGOTSKI, 2010, p. 345).

As produções gráficas de Marcos, Pedro e Ruth nos permitem concluir que as crianças constroem muitas de suas experiências estéticas a partir de elementos captados do mundo real. Os desenhos por eles representados embora relacionados com um material fictício, tornam-se reais para eles, pois participam, mesmo que indiretamente de suas rotinas e se concretizam em suas experiências reais de vida. Ao combinar elementos da ficção com elementos da realidade em uma nova criação, as crianças recorrem as experiências passadas que foram acumuladas por meio de recursos imagéticos reconstruindo suas visões emocional e afetiva do mundo real. Com base em Vigotski (2014), aqui se faz presente as relações entre a reprodução e combinação no estabelecimento do novo por meio da cristalização da imaginação. Para Vigotski (2014), o ciclo completo do processo de cristalização se dá quando a imaginação se converte em imagens exteriores.

Todas as formas de representação criativa contêm em si elementos afetivos. Isso Significa que tudo o que a fantasia constrói influencia reciprocamente nossos sentimentos, e ainda que essa construção, por si só, não corresponda à realidade, todos os sentimentos por ela desencadeados são reais, vividos verdadeiramente pelo homem que os experimenta (VIGOTSKI, 2014, p. 18).

Considerando uma visão geral dos desenhos realizados pelas crianças, podemos concluir que essa prática é de suma importância para o desenvolvimento dos sentidos estéticos e, por isso, deve ser adequadamente ampliada e valorizada desde os primeiros anos no tempo-espço da Educação Infantil. Outro fato que chamou atenção foi o fato de a professora comentar que nem sempre é possível incentivar as crianças a fazerem desenhos livres, pois alguns pais, e até mesmo outras profissionais não conseguem enxergar um valor desenvolvimental nesse tipo de atividade. A professora alegou também, que considerando a idade das crianças e com a proximidade da alfabetização é preferível optar por atividades que treinem a escrita de letras e números, facilitando o domínio da escrita do alfabeto. Essa perspectiva de compreensão sobre o trabalho na Educação Infantil demonstrada pela professora está em desacordo com a função social, política e pedagógica presentes no artigo 7º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

De acordo com Oliveira, Maranhão, Abbud, Zurawski, Ferreira e Augusto (2011), essa compreensão do trabalho pedagógico na Educação Infantil é completamente equivocada. As autoras sugerem que as crianças devem ser envolvidas em propostas que estimulem a inventividade e permitam processos de criação em diferentes linguagens. Nesse sentido a Educação Infantil não é um estágio preparatório ou de prontidão para a alfabetização no qual as crianças têm que passar por atividades de treinamento de letras e números, conforme as descrições da professora.

Após a realização da oficina o pesquisador e a professora realizaram um momento de avaliação do encontro, este possibilitou a discussão dos resultados e serviu de base também para produzir reflexões e revisões, junto à professora, sobre a tônica do trabalho em Educação Infantil e as ações que são exigidas dos profissionais por meio de medidas abrangentes como os currículos. O pesquisador utilizou como referência principal as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, salientou a importância da dimensão estética do trabalho com as artes em geral e destacou a necessidade de reflexão sobre o exagero de atividades escritas em classe e extraclasse a que são submetidas as crianças. Essa intervenção foi realizada com o objetivo de realçar para a professora que práticas escolarizantes ferem a função social, política e pedagógica da Educação Infantil.

Cabe aqui abrir um adendo para discutir um aspecto importante produzido durante a pesquisa. Observamos que o momento de avaliação da oficina permitiu a criação de um processo formativo para a professora participante. Partimos da perspectiva que a pesquisa realizada por meio de intervenções tem em sua proposta

condições de articular teoria e prática no processo de formação de professores, esse cuidado na articulação possibilita que a teoria não seja tomada como um valor absoluto e elitista, superior à experiência, do mesmo modo que a esta última não está isenta de uma análise crítica mediada pela teoria.

De acordo com Pacheco, Passos, Castro, Ricci, Oliveira, Cardoso e Martins (2013), pesquisar abre um leque de possibilidades para o indivíduo; trata-se de um espaço onde se forma e é formado.

Pesquisar é proporcionar uma formação como pessoa, fundamentada na responsabilidade e na solidariedade de perguntar e responder, de dirigir-se a alguém e de abrir-se a alguém, de tornar-se consciente de que a vida é um diálogo, mesmo quando não há palavras é mais do que “ler nas entrelinhas”; é perceber o outro em sua totalidade e plenitude. Formar-se em pesquisa é articular teoria e realidade, é a dialética resultante do encontro que unifica essas duas dimensões. (PACHECO, PASSOS, CASTRO, RICCI, OLIVEIRA, CARDOSO E MARTINS 2013, p.303).

Em relação ao desenho livre, atividade foco da oficina, o pesquisador destacou, com base nos estudos da psicologia de Vigotski, que a prática do desenho livre é uma oportunidade para as crianças desenvolverem a criatividade e a imaginação, funções psicológicas superiores que estão intimamente relacionadas ao desenvolvimento geral: “Aqui reside a chave para a tarefa mais importante da educação estética: introduzir a educação estética na própria vida” (VIGOTSKI, 2010, p. 352).

A realização da oficina de desenho livre nos permitiu concluir que a compreensão sobre o real valor que o desenho infantil tem para o desenvolvimento como um todo e para a formação da educação estética ainda não foi devidamente discutida e compreendida no âmbito da formação de professores, principalmente considerando os posicionamentos da professora que participou da intervenção. Isso nos revela que há muito que se fazer para que os profissionais da Educação Infantil compreendam a importância e a função do desenho para o desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como objetivos compreender as formas de expressão do desenho livre na Educação Infantil, as suas implicações no processo de formação das funções psicológicas superiores e as mediações docentes em sala de aula. O método de pesquisa-intervenção, por meio da realização da oficina de criatividade de desenho livre, possibilitou uma vivência estética às crianças e permitiu à professora regente uma reflexão de seus conceitos sobre o tema. As intervenções do pesquisador junto à

professora, após a realização da oficina permitiram que ela compreendesse que os desenhos infantis, mesmo aqueles que não passam de rabiscos, trazem sempre conteúdos significativos das vivências estéticas das crianças e são parte da experiência expressiva que se dá com o corpo todo. Nesse sentido vale destacar dois pontos importantes que a pesquisa possibilitou: i) conhecer o modo como as crianças vivem experiências com arte e desenho; ii) ser um processo formativo para a professora envolvida na pesquisa.

De acordo com o trabalho de pesquisa realizado e considerando a perspectiva teórica adotada nesta pesquisa, concluímos que não era necessária uma análise interpretativa dos traçados dos desenhos. Isto, pois nosso foco era acompanhar a vivência estética durante o processo de elaboração artística. Por isso, deixamos que as crianças mesmas falassem de suas produções e apontassem em qual direção estava o foco da produção. Ao optar pelo modelo de livre produção de narrativas, percebemos que a verbalização funcionou como uma ferramenta que nos permitiu compreender o mundo, a história e a cultura em que as crianças estão inseridas e como esses aspectos impregnam sua capacidade perceptiva e artística.

A articulação dos dados construídos durante a realização da oficina com o método de investigação cartográfico e o cruzamento com as contribuições de Vigotski (2010, 2014), nos revela que a realização de oficinas de desenho livre é necessária para promover a reflexividade docente quanto à associação do desenho com a origem e desenvolvimento de funções psicológicas superiores como a criatividade e a imaginação. Por isso, defendemos a prática do desenho livre na Educação Infantil como uma forma significativa de expressão da imaginação criadora. “A presença da arte na educação pode contribuir, portanto, para a construção de posturas outras frente à realidade, para o desenvolvimento de processos psicológicos superiores (WEDEKIN e ZANELLA, 2018, p. 88).

Evidenciou-se que o trabalho com o desenho livre numa perspectiva estética deve ser um aliado das práticas pedagógicas na Educação Infantil, pois, a partir dessa ferramenta, é possível a criança interagir sobre o objeto do conhecimento, indagar sobre ele e, sobretudo “deparar-se com problemas estéticos e desenvolver estratégias para solucioná-los” (OLIVEIRA, 2012, p. 267). A realização da oficina e o contato com as crianças revelou também a necessidade de investimento e visibilidade em mais pesquisas nas quais as crianças sejam protagonistas de vivências e sentidos estéticos. A perspectiva teórico-prática adotada nesta pesquisa vislumbra a participação efetiva das crianças em seu processo de construção artística e histórico-social.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Lílian Rocha; LIBARDI, Susana Santos; MENEZES, Jaileila de Araújo. A pesquisa-intervenção com adolescentes: oficina como contexto narrativo sobre igualdade e diferença. CASTRO, Lucia Rabello de e BESSET, Vera Lopes (Orgs.).

Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/ PAPERJ, 2008. 205-223.

BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antônio. Educação estética na perspectiva histórico-cultural: contribuições à Educação Infantil de orientação dialética. In: PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; BARROS, Daniela; PEQUENO, SAULO. (orgs.).

Educar na perspectiva histórico-cultural. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p.137-160.

PACHECO, Alessandra Brandoli; PASSOS, Paula Lannes Pereira; CASTRO, Liana; RICCI, Aline; OLIVEIRA, Andreia de; CARDOSO, Alah; MARTINS, Aline. A pesquisa como espaço de formação. In: KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina. (orgs.). **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. Campinas: Papyrus, 2013. p. 297-308.

BRASIL. Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Nacionais Para a Educação Infantil. **Diário oficial da união**, Brasília, DF, 18 dez. 2009.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 14 de nov. 2020.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº20, de 11 de dezembro de 2009. Revisão das Diretrizes Nacionais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário oficial da união**, Brasília, DF, 11 dez. 2009. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3748-parecer-dcnei-nov-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192.

Acesso em 17 de dez. 2020.

BRASIL. Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário oficial da união**, Brasília, DF, 24 maio. 2016. Disponível em:

<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em junho de 2017.

DELARI, Junior Achilles. **Vigotski**: consciência, linguagem e subjetividade. Campinas, São Paulo: Alínea, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. 1.ed. São Paulo: editora 34, 1995.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n.1, p. 15-22, 2007.

KASTRUP, Virgínia. O Lado de Dentro da Experiência: Atenção a Si mesmo e Produção de Subjetividade numa Oficina de Cerâmica para Pessoas com Deficiência Visual Adquirida. In: **Psicologia Ciência e Profissão**, v.28, n.1, p. 186-199. Brasília, 2008.

NATIVIDADE, Michele Regina da; COUTINHO, Maria Chalfin; ZANELLA, Andréa Vieira. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, n. 1, p. 9-18, jan/jun.2008.

OLIVEIRA, Artur Bruno Fonseca; LIMA, Ana Ignez Belém. Vigotski e os Processos Criativos de Professores ante a Realidade Atual. In: **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1399-1419, out./dez. 2017.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Cultura e Psicologia**: questões sobre o desenvolvimento do adulto. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pró-Posições**, Campinas, v. 23 n. 3, p. 159-178, 2012.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de; MARANHÃO, Damaris; ABBUD, Ieda; ZURAWSKI, Maria Paula; FERREIRA, Marisa Vasconcelos; AUGUSTO, Silvana. (orgs.). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PINO, Angel. (2006). A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. In: **Pro-Posições**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 47-70.

PRESTES, Zóia Ribeiro; TUNES, Elisabeth; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; TERCI, Carla. A emergência da reação estética da criança na atividade música. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 46-57, 2018.

SOARES, Rosana. **A educação estética como possibilidade de emancipação dos sujeitos no ensino da arte**: desdobramentos e implicações. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, 153-155, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. A educação estética. In: VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 323-363.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WEDEKIN, Luana Maribele; ZANELLA, Andréa Vieira. Problematizando o ensino de artes na educação regular: contribuições de Lev Vigotski. In: PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; BARROS, Daniela; PEQUENO, SAULO. (orgs.). **Educar na perspectiva histórico-cultural**. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p.79-102.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A DIMENSÃO ESTÉTICA DO DESENHO LIVRE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

The aesthetic dimension of free design and its implications in the formation process of higher psychological functions

Alisson da Silva Souza

Mestre em Educação
Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia
Departamento de Educação
Feira de Santana, Brasil
pot_ppb@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6239-1367>

Mirela Figueiredo Santos Iriart

Doutora em Saúde Coletiva
Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba
Departamento de Educação
Feira de Santana, Brasil
mfsiriart@uefs.br
<https://orcid.org/0000-0001-5673-6787>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Manoel Camilo de Almeida, 88. A, CEP: 44430-308, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. S. SOUZA, M. F. S. IRIART

Coleta de dados: A. S. SOUZA

Análise de dados: A. S. SOUZA

Discussão dos resultados: A. S. SOUZA

Revisão e aprovação: A. S. SOUZA, M. F. S. IRIART

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 10-08-2021 – Aprovado em: 02-06-2022